



TERRITÓRIO, IDENTIDADE CULTURAL E REDES

TERRITORY, CULTURAL IDENTITY AND NETWORKS

Julie Mathilda Semiguel Pavinato*
Emerson Ferreira da Silva**
Irene Carniatto de Oliveira***

Resumo

Este estudo pretende abordar a relação existente entre o território se estendendo para formação de identidade e o papel das redes nessas construções. Esses assuntos serão conduzidos de modo a exprimir suas contribuições para o desenvolvimento rural que embora seja deveras explorado ainda carece de pesquisas e debates capazes de promover novas formas para melhorar a qualidade de vida das pessoas no campo. Para ilustrar essa pesquisa foi realizado um estudo de caso em agroindústrias no Município de Ubitatã-PR através de entrevista com os produtores e visita aos locais de produção o que permitiu o conhecimento da realidade de vida de cada produtor seu trabalho e sua forma de viver em comunidade, donde se pôde inferir que a forma como cada sujeito percebe seu território determina sua maneira de cultivar e desenvolver seu lugar seu local .

Palavras-chave: relações, poder, parceria, cooperação

Abstract

This study intends to address the relationship between territory extending to identity formation and the role of networks in these constructions. These issues will be driven in order to express their contributions to rural development which, although it is still being exploited, still lacks research and debate capable of promoting new ways of improving the quality of life of people in the countryside. To illustrate this research was carried out a case study in agroindustries in the Municipality of Ubitatã -PR through an interview with the producers and visit to the production sites which allowed the knowledge of the reality of life of each producer his work and his way of living in Community, where it was possible to infer that the way each subject perceives their territory determines their way of cultivating and developing their place in their place.

Keywords: Relations, power, partnership, cooperation.

* Mestranda Programa Desenvolvimento Rural Sustentável , UNIOESTE. juliepavinato@gmail.com

** Mestrando Programa Desenvolvimento Rural Sustentável. UNIOESTE. emerson.ferreira@ifpr.edu.br

*** Doutora, Pesquisadora e Docente do Doutorado e Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável e Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. irenearniatto@gmail.com



1. Introdução

O desenvolvimento rural está sendo foco de muitas discussões, porém não é um assunto exaurido, pois cada nova abordagem que com ele se relaciona tem a propriedade de produzir importantes contribuições sob a forma de alternativas e oportunidades para o meio rural. Dentre essas temáticas está o território apresentado sob novo enfoque em que a preocupação volta-se mais para *como* do que para *o que é* o território as representações e símbolos que compõe esse cenário são fundamentais para a compreensão das relações e dos relacionamentos que são estabelecidos e de como eles são importantes para o processo de evolução e/ou involução desses espaços.

De modo a ilustrar tais questões é que se apresenta uma investigação sobre a relação existente entre o território, a identidade cultural e as redes numa reflexão sobre desenvolvimento rural, ou seja, sobre como a integração desses elementos conduz ou não ao desenvolvimento do meio rural.

O território será explorado a cerca de conceitos e concepções compreendendo a forma como os sujeitos territorializam cada ambiente e sobre o seu significado para eles, a maneira como os indivíduos se veem e são vistos nesses espaços. De modo que se faz necessário uma análise a respeito dos usos e costumes desses indivíduos para estabelecer e compreender a formação da identidade cultural quais atividades realizam e como as realizam. As redes serão abordadas em termos da eficiência de seus arranjos e construções e principalmente de sua importância no processo de desenvolvimento rural valendo-se para isso dos indivíduos e entidades que se unem para satisfazer suas necessidades e encontram nessa situação projetos em comum que permite a troca de saberes e experiências.

Para evidenciar a relevância desses temas foi realizado um estudo de caso em agroindústrias de temperos no município de Ubitatã – PR que servirá de base e alicerce na exposição dos conceitos e construção dessas abordagens, em que se pretende explicitar a relação do indivíduo com a terra e seus laços com o espaço, que hábitos preservam e como eles influenciam em sua vida e em seu trabalho.

2. Território

São diversas as interpretações e redesenho do conceito de território, de forma que a compreensão de seus “sentidos” torna possível identificar a abordagem que se utiliza num dado contexto. Tão importante quanto entender as perspectivas dos conceitos, é acompanhar a dinâmica de cada definição proposta. Cada olhar sobre o território carrega em si, uma porção de indicativos e soluções para que a ocupação concreta e abstrata, *do* e *no* território permita a territorialização de maneira relevante.

Ao longo do tempo pode-se perceber que embora seja um conceito estabelecido também é mutável permitindo releituras que ampliam e enriquecem as noções do conceito e de sua importância para a prática do desenvolvimento.



Para Raffestin (1993, p.144) território [...] “é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação e que por consequência, revela relações marcadas pelo poder”. O poder mencionado por Raffestin (1993) tem por orientação a obra de Foucault (1979), na qual se aponta desde o poder exercido pelo Estado como também, aquele que ocorre por meio das relações sociais em que o homem estabelece formas de controle e dominação entre ele mesmo e seus entornos. O território está marcado por relações sociais e a forma como se constituem essas relações por vezes vai além do poder estatal.

Foucault (1979) trata da análise do poder como um elemento que não pertence a ninguém e não se encontra num lugar determinado, para ele o poder funciona e é exercido por meio de redes, onde os indivíduos circulam sendo ativos e passivos no exercício do poder agindo ou recebendo sua ação, são agentes de transmissão.

O poder também representa uma forma de identificação já que tem capacidade para separar em grupos ou classes o que permite identificar cada indivíduo e grupo social. Portanto, apresenta caráter político em ações conciliatórias e iniciativas de fortalecimento desses mesmos grupos e classes. (HAESBAERT, 2004). Trata-se do poder constituído pela racionalidade legal e ou parâmetros de distinção como, por exemplo, latifundiários e agricultores familiares, ambos desenvolvem atividades no campo, porém, o primeiro com mais representatividade que o segundo devido principalmente a influência do modelo capitalista.

Saquet (2007 p.24) afirma: “Para as pessoas e suas organizações, o território que habitam e atuam tem o significado de provedor de recursos para subsistência e de proteção para a existência”. De modo que as relações sejam elas sociais, econômicas, políticas e culturais todas, são marcadas pelo poder. Assim, é preciso reconhecer que esses recursos são esgotáveis e precisam ser cuidados para a garantia de existência, os indivíduos devem atuar e proteger seu espaço de vida e de trabalho.

Por isso, conforme Andrade (1995, p. 20) “A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade”. De forma que o papel desempenhado pelos atores no processo de territorialização na ação e no desenvolvimento é o que efetiva sua territorialidade, o sentimento de pertencimento e que leva cada indivíduo a investir e lutar por seu lugar seu território.

De acordo com Saquet (2007) o território é o local onde pessoas se encontram, trabalham, vivem e constroem sua identidade e, por conseguinte a identidade do local, a territorialidade. A relação de cada indivíduo com sua comunidade se fortalece à medida que o sentimento de pertencimento também é fortalecido e alimentado, com políticas públicas e ações extencionistas por exemplo, donde nascem projetos e iniciativas para o desenvolvimento local que por sua vez criam elementos caracterizadores que repercuti diretamente na formação da identidade desses territórios.

Gottman, (1973) introduz ao conceito de território além das relações sociais a dimensão de que neles coexistem fatores materiais e *psicológicos* permitindo compreender como acontece a territorialidade, envolve o solo o perímetro o espaço definido, mais também as relações entre as pessoas, a cultura, valores, os afetos e tensões que vive em comunidade.



Então para Gottman, (1973) o território representa também um espaço subjetivo onde sentimentos e valores estão representados e caracterizam a construção da identidade onde o espaço e território se complementam. Diferente de Santos (1979) que apresenta ao longo de sua trajetória uma evolução crescente nas noções de espaço e território onde o espaço é o local de construção de vida e laços do homem e esse mesmo espaço se molda conforme as necessidades e interesses dos grupos que nele vivem; já o território é um lugar anterior ao espaço onde se travam as disputas de poder e acontecem as relações com o mercado mais propriamente com o capitalismo numa abordagem econômica e política. Aspectos sociais e ambientais foram sendo incorporados em suas releituras ao longo dos estudos e experiências por volta das décadas de 80 e 90. Para ele o espaço deve ser interpretado considerando espaço e tempo, que as alterações e mudanças ocorrem num lapso de tempo e espaço que possibilitam a análise de determinados contextos.

Como se pode perceber a maneira como os indivíduos adotam o conceito de território determina sua relação com ele. Se essa interpretação conduz a um sentido de propriedade e recurso capital, o uso se dará de maneira extrativista e pouco preocupada com demais indivíduos ou entes dos entornos. Por sua vez se o entendimento se der como aponta Saquet (2007), como sendo o território o lugar onde se vive e trabalha, o olhar e a forma de conduzir a territorialização será integrando-se as vocações e possibilidades de desenvolvimento econômico, político, cultural e social do território de modo que vínculos e laços fortes sejam construídos e com eles teias capazes de auxiliar e conduzir um processo de desenvolvimento tanto dos atores como de seus territórios.

3. Identidade Cultural

A identidade nos remete a raízes a características marcantes que nos tornam distintos uns dos outros, aspectos intrínsecos que apontam para elementos definidos em nossas origens e descendências, saberes e hábitos que passam de geração em geração preferências costumes que nos identificam nos define. Assim também ocorre com o território, o conjunto de valores, afetos estabelecidos em cada relação social é que fornece a identidade do território.

Rafael Echeverri (2009), trata da identidade como sendo o conjunto de traços que distingue e diferencia as pessoas de determinado espaço configurando assim o território, de modo que este apresente as características próprias de um local que lhe confere o reconhecimento em função das variáveis naturais, sociais e econômicas que o constitui.

A identidade de um território específico onde se nasce ou se vive caracteriza-se pelas relações estabelecidas entre as pessoas no dia a dia, isso porque a verdadeira identidade é marcada pela herança cultural que se perpetua ao longo do tempo. A identidade por vezes é reconhecida como territorialidade ou seja a construção de um espaço por meio de relações sociais que se legitimam pela sensação de pertencimento.

Urrutia (2009, p. 9),



“o território é a base primeira de qualquer identidade cultural. A partir dele constroem-se referentes simbólicos e relatos históricos que permitem a um grupo humano compartilhar as mesmas tradições e expressões culturais”.

Sendo assim, o território representa o conjunto de elementos referenciais e simbólicos que ajudam a construir a identidade de um povo e portanto de um local, efetivando por meio de tradições e costumes o saber e o modo de vida das pessoas.

Para Castells (2005), a identidade é definida segundo um método que se baseia em referências e elementos culturais que se relacionam entre si e que tem mais força que outros basilares referenciais. Cada indivíduo carrega em si vários símbolos e significados de suas origens e aprendizados, assim, cada ser e comunidade pode apresentar diversas identidades. Esta diversidade pode representar um dilema uma vez que ao se identificar com um símbolo pode haver conflito com outros símbolos que também representam aquele indivíduo.

De acordo com Saquet (2009), ao estudarmos o território é adequado considerar os agentes envolvidos e suas relações, os tipos de relações e redes que se estabelecem e de que maneira se dá esses arranjos; a relação dos indivíduos com o espaço, sua forma de trabalho: natureza/tecnologia/produção. Seus objetivos com a atividade que desempenha; o processo de territorialização e desterritorialização as temporalidades. Todas essas variáveis analisadas em conjunto, permite estabelecer um panorama realístico da abordagem territorial estabelecida e da relação de cada indivíduo e comunidade com seus entornos ilustrando sua identidade.

Como para Haesbaert (1999) onde a identidade se caracteriza principalmente pela sentimento de pertencimento pela apropriação do espaço concreta e abstrata onde sua estruturação depende fundamentalmente dessa construção *no* território e *com* o território. Bossé (2004), apresenta sua análise de identidade territorial com base em aspectos subjetivos e objetivos quando ressalta que o território é o lugar onde se vive e pratica a identidade. De modo que o fato de se viver determinado espaço pode construir a identidade, esse conjunto de elementos e sentimentos que estabelece um vínculo especial de indivíduos com seus territórios levando a comportamentos e investimentos para a construção desses lugares.

4.Redes

As redes representam mecanismos de trabalho em regime de parcerias e colaboração que se estabelece desde a compra de matérias primas até o processo de comercialização. Redes para Olivieri (2003) representa um conjunto de elementos sendo eles: organizações, instituições e indivíduos que se unem em favor de um objetivo comum, sendo esse objetivo o elemento motivador na maioria das redes, porém não em todos como é o caso das organizações nos grandes complexos agroindustriais. A rede representa então, um dispositivo integrador para fortalecer produtores e as comunidades onde se deseja estar inseridos quando motivadas por ideais partilhados.

Haesbaert (2002), chama atenção para a identificação das redes ao mencionar a importância de identificar as redes locais e regionais como possuidoras de valor tão



substancial quanto as redes globais. Também chamadas de redes sociais numa menção as relações que estabelece e dos vínculos que acabam de acontecer em virtude do contado mais estreito dos indivíduos e de interesses comuns que a rede local possibilita.

Dias (2005), ao tratar das redes sociais, aponta para as diferentes formas e intensidades das relações sociais como as de parentesco, amizade, e vizinhança. Para ela, esse tipo de rede é capaz de ser mais forte do que as estruturas das organizações interligando-as assim como os indivíduos que dela fazem parte lhes ofertando conectividade e certa solidariedade e assim, num processo dialógico vão se construído suas identidades.

As redes para Santos (1996), são capazes de transformar o território quando permite a melhora da qualidade de vida dos atores, por meio da valorização do seu trabalho e de sua forma de vida; já que onde estão inseridas ora integram e ora desintegram espaços e da mesma forma que desconstroem espaços também criam outros . Essas construções e desconstruções também podem ser compreendidas como formas de poder, não o poder do Estado mais os das relações sociais que se estabelecem e que também podem exercer controle e dominação.

As redes representam possibilidades de atuação de maneira coordenada e organizada para que processos produtivos, de comercialização e de distribuição possam ocorrer respeitando o saber local, a cultura e as necessidades de políticas públicas. A identidade de cada território está representada nos produtos e nas relações sociais desenvolvidas por intermédio das redes.

5. Metodologia

A fim de apresentar a relação existente entre o território-identidade cultural e redes, bem como a forma com que estes elementos conduzem ao Desenvolvimento Rural primeiramente foi realizado o embasamento teórico seguido de um estudo de caso em Agroindústrias de Temperos do Município de Ubitatã-Pr. As informações foram coletadas através de entrevista com os produtores no local de produção o que oportunizou conhecer o processo produtivo, infraestrutura e aspectos da higiene. Existem ao todo três agroindústrias destinadas a fabricação de temperos no município sendo todas envolvidas nesse estudo. Os dados foram tratados em sua maioria de maneira qualitativa ao que se referem ao perfil do produtor, características da vida no campo, motivação, comercialização e produção e quantitativamente em relação aos custos, quantidades produzidas e preços praticados; Análise dos dados por correlação.

6. Análises dos dados e resultados

O município de Ubitatã – PR possui de acordo como ultimo censo demográfico 21.558 habitantes (IBGE, 2010) dos quais segundo a mesma fonte, 18.397 reside em área urbana e 3.161 em área rural (IBGE - Censo Agropecuário, 2012) . Com relação à Agroindustrialização Familiar estão cadastradas na Emater (2016) 12 agroindústrias e na Prefeitura/Vigilância



sanitária 22 sendo que as mesmas agroindústrias assistidas pela Emater também estão no cadastro da Secretaria da Agricultura e Pecuária / Vigilância Sanitária do Município.

Para objeto de análise desse estudo três foram pesquisadas, sendo elas as agroindústrias de temperos a base de alho: Temperos Carajás; Tempero Dona Lili e Temperos Mendonça.

A Fabrica de Temperos Carajás, fica na comunidade São Francisco a 12,5 km da cidade nela trabalham 6 famílias que dividem instalações e equipamentos num sistema de rodízio para agroindustrialização dos temperos todos comercializados com o mesmo nome. Esse conjunto familiar em especial apresenta características interessantes já não vistas nos dias de hoje em termos de cooperação e ajuda mútua, já que todos trabalham em conjunto do plantio a colheita dividindo o trabalho e as conquistas desse processo. Normalmente todos cooperam no manejo embora na hora de industrializar cada família fica responsável por seu produto, existe há confiança no trabalho e na qualidade pois todos embalam com a mesma marca. É uma forma de organização em rede já descrita anteriormente por Dias (2005) que aponta para a importância das relações sociais considerando-as capazes de ser mais envolventes do que outros tipos de rede, pois criam laços e cooperação muito estreitos caracterizando as relações com essa forma de trabalho.

Retratando o aprendizado da vida no campo uma das esposas informou que sempre viveu na cidade mais que foi a sogra que com grande generosidade lhe conduziu nos ensinamentos sobre a produção de alimentação em maiores quantidades, no trato com os animais o no cultivo de flores e hortaliças que conserva consigo até hoje, as cunhadas também apoiaram e auxiliaram nos primeiros anos.

Esse relato evidencia a construção da territorialização e identidade cultural com o território. Como diz Urrutia (2009) é por meio do território que se controle a identidade cultural, pela forma de vida e referenciais que fazem com que as pessoas venham a compartilhar a mesma forma de vida.

Embora o campo seja visto pelos mais velhos como lugar para viver e trabalhar em razão da fartura e segurança corroborando com Saquet (2007), a juventude prefere a cidade. Nessa propriedade cada casa tem sua horta, ervas medicinais e flores, granja de aves para consumo. Características do homem do campo, de sua identidade. O produtor apontou as dificuldades do plantio e colheita como fortes elementos para a descontinuidade da atividade já que os pais estão ficando velhos entre 55 e 74 anos e os filhos consideram demasiado penosos o trabalho com o alho, pois o cultivo é todo manual assim como a colheita, as pessoas para desenvolver o trabalho passam a maior parte do tempo encurvada.

A fabrica de Temperos Dona Lili foi adquirida pela atual produtora que desejava incrementar a sua renda em uma atividade que lhe proporcionasse também satisfação, a atividade na agroindústria lhe tranquiliza é algo que gosta de fazer é mais que um trabalho; também informou que já desejou ir para cidade e trabalhou lá por dois anos mais sem sair da zona rural por influencia do marido, hoje acredita ter sido acertada a decisão em função da qualidade de vida que o sítio lhes proporciona. Também possui horta para consumo próprio e aves criadas de modo tradicional, somente a produtora trabalha na agroindústria o marido e o



filho dedica-se a agricultura cultivo de soja, milho e trigo. Aponta como principal dificuldade a falta de conhecimento para lidar com o solo e com outros cultivos que tem interesse de implementar mais não o faz por falta de apoio técnico especializado.

A Temperos Mendonça agroindustrializa temperos secos aos contrario dos outros produtores citados que são em pasta. Este produtor fez o caminho inverso saiu do campo para cidade onde viveu por 19 anos trabalhando no setor supermercadista retornando ao campo onde há 8 anos reside. Grande importância possui o seu relato para a agricultura familiar, pois esse produtor deixou de ser assalariado na cidade para se tornar um empreendedor no campo, fala com orgulho das dificuldades e das conquistas que a agroindústria lhe proporcionou, pois, foi através dela que conseguiu adquirir carro para família pago a vista, moto, e está construindo um novo barracão encontra-se com a documentação junto aos órgãos de fiscalização todos em dia, e recebe a visita da vigilância sanitária a cada seis meses além de gozar de um conforto e segurança que não possuía na cidade diz o produtor. A assistência é prestada pela Emater, pela Prefeitura municipal e pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, o produtor diz estar satisfeito com o serviço prestado pelas entidades que oferecem cursos e novidades para os produtores.

Para identificar e classificar as relações dos produtores com o processo de agroindustrialização e desenvolvimento foram realizados questionamentos também a respeito de seu perfil, da propriedade, da produção, do cultivo, dos custos e das rendas com a atividade que serão apresentadas em quadros de modo a facilitar a apropriação das informações e sua compreensão.

Quadro 1 – Perfil dos Produtores

PERFIL DO PRODUTOR					
Agroindústrias	Idade	Escolaridade	Nº pessoas da Família	Nº pessoas ocupadas com a atividade	Motivação para entrar na Atividade
Temperos Carajás	53 á 72 anos	4º série ensino fundamental – 9º ano ensino fundamental	6 famílias Com média de 4 membros;	2 por família 12 pessoas	Incrementar a renda; montar uma fabrica comunitária;
Temperos Lili	42 anos	9º ensino Fundamental	1 família; 3 pessoas;	1 na família	Incrementar a renda;/ adquiriu em funcionamento;
Temperos Mendonça	50 anos	Ensino médio completo	1 família; 5 membros;	1 na família	Mudar de vida; Saiu da cidade e foi para o sitio.

Fonte: Dados da Pesquisa

A maioria dos produtores está em fase adulta e idade avançada o implica diretamente na capacidade de dar continuidade ao trabalho principalmente no plantio e cultivo desse tipo de produto que necessita de muita tenacidade e vigor físico, já que o processo se dá manualmente sem ajuda de equipamentos tanto no plantio como na colheita. A escolaridade repercute por sua vez na autonomia do produtor em abastecer-se de informações e conhecimentos para cuidar de maneira apropriada da produção, a ausência ou o minimizado



conhecimento em cálculos, por exemplo, impede que o levantamento de custos e preços sejam praticados de maneira correta de modo que é possível que o produtor precifique seu produto sem levar em conta todas as despesas de produção, durante as entrevistas esse aspecto ficou latente. A questão da sucessão familiar pode ser caracterizada ao se considerar o número de membros da família e aqueles que realmente se ocupam da atividade. Uma observação quanto a fábrica de temperos Carajás que exploram a atividade em várias famílias, mais que comercializam em quantidades similares com a mesma marca de modo que para efeito de análise os resultados apresentados em quantidades de terra, produção e renda são referente ao total de todo grupo familiar.

Quanto à motivação é perceptível o compromisso com o lugar e com as pessoas, pois esses projetos podem ser conduzidos por toda a família e por vizinhos depende da necessidade e da vontade para tal envolvimento, é fruto de herança não apenas a terra mais os costumes com determina cultivo e estilo de vida, como as moradias próximas umas das outras, as hortas e animais para consumo, o dividir a produção com os vizinhos são exemplos.

Ambas as famílias de cada fábrica possuem identidades semelhantes pois representam a típica vida no campo, produzindo e revendendo o excedente e extraindo de seu território seu sustento e ali construindo suas vidas como aponta Dias (2005) e Saquet (2007).

Quadro 2 – A Propriedade

CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE						
Agroindústrias	Tamanho Propriedade ha	Propriedade da terra	Categoria	Gestão e exploração	Atividades exercidas na propriedade	Atividades exercidas fora da Propriedade
Temperos Carajás	67,8	Própria	Pequena propriedade	Proprietário administra; Explorada por núcleos familiares (irmãos/famílias)	Agroindustrialização Alho – tempero; e agricultura (soja/milho/trigo)	Gestão sindicato Rural; Bancaria; Estoquista.
Temperos Lili	14,52	Arrendada/uso fruto	Pequena propriedade	Dirigida pela Esposa; Explorada somente pela família.	Agroindustrialização Alho – tempero; e agricultura (soja/milho/trigo)	-
Temperos Mendonça	12,10	Própria	Pequena propriedade	Dirigida pelo Proprietário; explorado somente pela família.	Agroindustrialização Alho – tempero; Leite;	Assistência social

Fonte: Dados da Pesquisa

Considerando o número de pessoas que exploram a terra tratam-se de pequenas propriedades sendo apenas uma arrendada em uso fruto ao pai do produtor as demais são próprias.

O que configura o vínculo com o campo são sujeitos que não estão de passagem mais que constroem suas histórias nesses cenários onde nasceram e de certa forma mantem-se ligados a ele. São propriedades que estão na segunda geração sendo uma na terceira na ocupação do território.



Quem coordena as atividades na agroindústria são também os proprietários da terra sendo apenas uma conduzida pela esposa que embora tenha certa autonomia para condução do empreendimento tem dificuldades com a comercialização para concilia-la as atividades com o lar. As decisões são tomadas em família cabendo ao individuo encarregado da produção as decisões operacionais que envolve a quantidade a ser adquirida de suprimentos e o tamanho da produção, já a comercialização fica a cargo de todos;

A agroindústria não é a atividade única em nenhuma das propriedades mais é a atividade principal do produtor da Temperos Mendonça segundo esse, está é a atividade que lhe oferece a maior renda como será apresentado posteriormente.

Quadro 3 - Cultivo

SISTEMA DE CULTIVO					
Agroindústrias	Área ha	Sementes	Solo (preparo)	Fertilização	CIDI
Temperos Carajás	3,6 (36000 m ²)	Próprias	Convencional	Química	Fungicidas
Temperos Lili	0,6 (6000 m ²)	60% Própria 40 % Comprada	Convencional	Química/ orgânica	Fungicidas
Temperos Mendonça	0,6 (6000 m ²)	55 % Própria 45% Comprada	Convencional	Química/ orgânica	Caldas orgânicas

Fonte: Dados da Pesquisa

O cultivo do alho se dá em pequenas áreas de modo convencional com a presença de fertilização e correção do solo de maneira química e orgânica na maioria das vezes, somente um produtor não faz uso de agrotóxicos para prefinir doenças, pragas e insetos.

Durante a entrevista quando questionados a respeito de um manejo sustentável demonstraram pouco conhecimento sobre o assunto e mencionaram ser esse o manejo recomendado pelos extensionistas em função das características do solo, vale ressaltar que a terra no Município de Ubitatã é de predominância roxa um tipo de solo conhecido por sua qualidade e produtividade para qualquer cultivo.

Apenas um produtor planta sua própria semente e a usa integralmente os demais além do plantio tem de recorrer à compra do produto para industrialização, quando questionados apontaram o solo e as questões ambientais como empecilhos para a produção e uso de seus próprios produtos. Um dos produtores mencionou também o manejo como algo que desfavorece a intenção de planta.

Seria oportuno que unidades de pesquisa e agentes extensionistas explorassem essas temáticas e levassem aos produtores alternativas para essas questões de modo que a atividade não seja prejudicada, uma vez que a compra de matéria prima incide diretamente nos custos de produção influenciando no aumento do preço de venda e, portanto na perda da competitividade do produtor como pode ser observado no quadro abaixo.



Quadro 4 – Agroindustrialização x Agricultura e Pecuária

AGROINDUSTRIALIZAÇÃO							AGRICULTURA
Agroindústrias	Produção (kg) mês	% vendida da produção mês	Formas de comercialização	Crédito	Custos Produção unt. (R\$)	Renda (R\$) mês	Renda Agricultura Pecuária (R\$) mês
Temperos Carajás	2000	70%	Supermercados; açougues; Feira do Produtor; Cooperativa Campar; Programas PAA/ PNAE – Ubiratã; Juranda/PR – consumidor final	-	5,50	30.000,00	32.500,00
Temperos Lili	171	100%	Supermercados; açougues; Cooperativa Campar; Programas PAA/ PNAE	-	8,40	1.128,60	2.500,00
Temperos Mendonça	250	100%	Supermercados; açougues; Cooperativa Campar; Programas PAA/ PNAE	-	6,5	3.500,00	880,00

Fonte: Dados da Pesquisa
Programa de Aquisição de Alimentos-PAA
Programa Nacional de Alimentação Escolar-PNAE

Observando as características da produção e comercialização é possível identificar a importância das redes, são redes locais utilizadas para o escoamento da produção e para uma renda mais significativa do produtor, aliado aos fatores de produção a comercialização é uma atividade de suma importância no processo de agroindustrialização pois é ela, que direciona o ritmo e a dimensão do que será produzido e também proporciona a cobertura dos custos. O produtor com contatos maiores tem mais chance de escoar sua produção, pois logicamente dispõe de mais canais para venda. Todos os produtores relataram que para o sucesso da agroindústria é necessário um grande empenho para conquistar espaço e posição no mercado onde já existem grandes marcas; apontaram a extrema relevância dos programas de governo PAA e PNAE para o fortalecimento e desenvolvimento da agricultura familiar, também mencionaram a cooperativa recém-implantada Campar destinada à agricultura familiar que inicia agora um trabalho para compras de matérias primas e embalagens coletivas para baratear os preços e reduzir os custos de produção e com isso permitir maior competitividade das agroindústrias também estão na expectativa de novos mercados que serão pesquisados e ativos por essa cooperativa. Mencionaram também que todos têm condições de produzir muito mais só que não o fazem por não ter para quem vender, portanto a iniciativa da cooperativa vai ao encontro dessa demanda dos produtores.

Como é possível verificar no quadro 4 os custos de produção estão diretamente relacionados à quantidade produzida e a renda adquirida. Ao observar o quadro é válido ressaltar que todos os produtores pesquisados embora tenham tido dificuldades para apontar seus custos possuem uma renda superior ao salário mínimo, que depende é claro de muito trabalho além do que é realizado pelos parceiros como a cooperativa e empresas do ramo de alimentos que absorvem a produção, e dos próprios produtores que em diferentes quantidades



fazem a venda direta ao consumidor final, sendo que um a faz de porta em porta 3 vezes na semana o que segundo ele aliado a qualidade de seu produto garantem uma boa renda e melhor qualidade de vida para sua família.

O que fica evidenciado nessa pesquisa é a natureza de trabalho solidário e em parceria que normalmente emoldura as atividades da agricultura familiar são pequenas concentrações de terras mais com fortes vínculos e relacionamentos que se constroem dentro e fora das propriedades e que consolidam a sua vitalidade.

7. Conclusões

O desenvolvimento local é uma alternativa que envolve a relação do homem com o campo. O território para cada sujeito tem vida própria, pois é a representação de seus anseios de suas expectativas se pertence ao local onde se tem acolhida não seria então esse lugar aquele espaço onde escolhemos para viver, trabalhar e construir família como fala Saquet (2007) e tantos outros autores. O que determina ou influencia essa caracterização são os relacionamentos e posicionamentos dos sujeitos com seu ambiente.

Ao longo desse estudo foi possível identificar que o território e a territorialidade acontecem de maneira distintas para as velhas e novas gerações enquanto os mais velhos veem o campo como espaço de trabalho e vida os mais jovens o vê apenas como espaço de lazer, os tempos mais longos a tranquilidade não exercem tanto fascínio para os jovens que desejam a velocidade o que representa um embate para a agricultura familiar que é uma atividade em desenvolvimento e que ocorre num tempo e processos mais lentos.

A identidade cultural se fortalece com a valorização das atividades locais o que produzir como produzir o fazer e o como fazer com os aprendizados e costumes que mantêm-se fortes ao longo do tempo e das gerações que transitam entre um saber e outro entre uma família e outra e constroem uma comunidade, são viabilizadas pelas atividades em redes, pelas parcerias que são elementos de integração como demonstrado na pesquisa nas ligações entre: produtores – cooperativas – entidades assistências – comunidade, é o retrato de um grande trabalho colaborativo desde o auxílio no manejo e produção até a preparação e comercialização onde um depende do outro para realizar com sucesso seu trabalho. Trata-se então de um processo sistêmico onde a contribuição de cada participante é definitiva para o resultado positivo do grupo.

Referências

ANDRADE, Manoel Correia. *A questão do território no Brasil*. São Paulo; Recife: Hucitec; IPESPE. 1995.



BOSSÉ, Mathias Le. (2004). **As Questões de Identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: UERJ.

ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venacio Majer. 6. ed. Celta, 2005.

DIAS, L. C. **Redes: emergência e organização**. In: Castro, I. E. de; Costa Gomes, P.C. da e Corrêa, R. L. (orgs) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 141-162.

ECHEVERRI, Rafael. **Identidade e território no Brasil**. Brasília: IICA, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. 9. ed.

HAESBAERT, Rogério. (2004b). **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

HAESBAERT, Rogério. (2007). **Identidades Territoriais**: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: _____ & ARAÚJO, Frederico Guilherme de. *Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro, Access.

GOTTMAN, Jean. **A evolução do Conceito de Território**. Tradução: Isabela Forjado e Luciano Duarte. *Boletim Campineiro de Geografia*. V2; N. 3 2012.

OLIVIERI, Laura. (2003). **A importância histórico-social das Redes. Rede de Informações para o Terceiro Setor**. Paulo: Ática, 1993. 269 p. Título Original: *Pour une Géographie Du Pouvoir*.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília. São Paulo: Ática, 1993. 269 p. Título Original: *Pour une Géographie Du Pouvoir*.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. **Território e Dinheiro**, In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. *Território, Territórios*. Niterói: PPGeo-UFF/AGB-Niterói, RJ. P.17-38. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



SAQUET, M. A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana:** O desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: Edições EST, 2003.

SAQUET, Marcos; SPOSITO, Eliseu; RIBAS, Alexandre. **Território e desenvolvimento:** diferentes abordagens. Francisco Beltrão/PR: UNIOESTE, 2004.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

URRUTIA, Jaime. Território, identidade e mercado. *In:* RANABOLDO, C; SCHEJTMAN, A. **El valor del patrimonio cultural:** territorios rurales, experiencias y proyecciones latinoamericanas. Lima: IPE; RIMISP, 2009